
SILVA, Moacyr da. *A formação do professor centrada na escola - uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2001 - Série Trilhas.

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA:
ENTRE A OUSADIA E A REALIDADE**

Vivaldo Paulo dos Santos

Pedagogo, Mestre em Educação. Professor do Departamento de Educação da UNINOVE

O fracasso do sistema escolar, historicamente, tem se constituído num dos maiores desafios para os educadores do continente europeu, da América Latina, bem como dos Estados Unidos. Associado diretamente a fatores sociais, políticos e econômicos, tal fenômeno tem sido apontado como relacionado com a formação do professor, tanto a inicial, quanto a continuada.

No Brasil, esse problema vem ocupando um lugar de destaque na mídia e no discurso oficial. O recente Relatório da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), grupo composto por 29 nações, incluindo os países mais desenvolvidos do planeta, ressalta a diferença no tempo de escolaridade como uma questão fundamental. Enquanto, no geral, os jovens desses países permanecem dezesseis anos na escola, no Brasil, a escolaridade média é inferior a seis anos. Partindo dessas reflexões, Moacyr da Silva propõe, nesta obra, uma análise e reflexão sobre a trajetória das preocupações relativas ao fracasso escolar e à formação de professores no país.

A partir do fim da década de 60, verificou-se no país uma expansão quantitativa da educação superior, com grande crescimento do número de instituições de ensino superior na esfera privada. Todavia, esse crescimento quantitativo não incluiu no rol de suas preocupações questões vinculadas à formação de professores. Com a atual legislação educacional, especialmente a partir da nova Lei de diretrizes e Bases da Educação - Lei Darcy Ribeiro, começam a aparecer algumas medidas visando à formação inicial dos professores e algumas preocupações teóricas com a formação continuada.

No que respeita à formação inicial, podem ser apontadas certas medidas adotadas pelo MEC: provão, obrigatoriedade da formação em nível superior, até 2007, para todos os professores, incluindo os da Educação Infantil e os das séries iniciais do Ensino Fundamental, além da exigência de no mínimo um terço do corpo docente composto por mestres e doutores. Porém, no tocante à formação do professor em serviço, quase nada foi feito. Nesta obra, Moacyr da Silva resgata uma

experiência de formação continuada de professores que deu certo: a dos ginásios estaduais vocacionais, da qual o autor participou intensamente no Ginásio Estadual Vocacional João XXIII, na cidade de Americana, em São Paulo. Ali se vivia “um processo contínuo de ação-reflexão-ação, assegurando aos educadores um crescimento pessoal e profissional.” (p. 9)

As experiências de formação continuada desvinculadas do universo escolar - como cursos, seminários e outros eventos análogos - têm gerado muito mais insatisfação e frustração do que transformação pedagógica efetiva. A obra aponta que a formação continuada deve acontecer na escola e caminhar com a valorização salarial e a melhoria das condições de trabalho do professor. Para tanto, a ação coletiva na escola e a participação da comunidade na organização curricular são fatores indispensáveis. Nos ginásios vocacionais, a atuação dos Conselhos Pedagógicos representou um importante recurso no processo de formação continuada dos professores. A escola era o espaço onde, além de se discutirem os problemas do dia-a-dia da sala de aula, era possível realizar a integração das diversas disciplinas, numa abordagem interdisciplinar. O ginásio vocacional foi também pioneiro em matéria de avaliação das atividades de ensino-aprendizagem numa perspectiva qualitativa, ao abolir notas e adotar o sistema de menções A,B,C e D como síntese de aproveitamento nas disciplinas e no bimestre. No fim do ano, os alunos se auto-avaliavam com relação aos objetivos, métodos, estratégias, conteúdos e atitudes e se atribuíam um quinto conceito que era analisado pelo Conselho Pedagógico e pelo Serviço de Orientação Educacional. A avaliação constituía parte integrante do processo ensino-aprendizagem, acontecendo de forma natural, espontânea e contínua. A participação ativa e crítica dos alunos no processo de avaliação contribuía decisivamente para a formação de cidadãos críticos.

Entre os textos que serviam de apoio aos trabalhos dos educadores nos ginásios vocacionais, um merecia tratamento especial: *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire, exaustivamente estudado. Certamente, esse foi um dos motivos por que a experiência do ginásio vocacional foi considerada pelos militares como subversiva, contrária aos seus interesses. Muitos professores e orientadores foram perseguidos e presos. Finalmente, em 1969, por ato do governo militar, os ginásios vocacionais foram extintos, pondo fim a uma rica experiência de formação continuada de professores. Os relatos de professores que participaram daquela experiência não deixam dúvidas quanto a isso.

“Na faculdade recebi o diploma, no Vocacional me formei como educador ...”. (p. 43)

O estudo do meio, realizado por alunos e professores e transformado em pesquisa de campo, constituía uma das atividades mais significativas nos ginásios vocacionais. Era por meio dessas atividades que se assegurava não só a união teoria-prática, mas também a integração das diversas disciplinas do currículo, de modo que a construção de conhecimento por parte dos educandos se desse de forma não fragmentada, em situação concreta e a partir de sua própria realidade social.

Professor e aluno em processo de formação cidadã

A obra de Moacyr da Silva não pretende fornecer receitas nem apresentar novos paradigmas para a formação continuada de professores; tem apenas o propósito de resgatar uma experiência educacional brasileira que atendeu plenamente aos objetivos propostos. Os educadores que se encontravam envolvidos naquele Projeto tinham plena consciência de que, para formar cidadãos em condições de viver e criar a sociedade democrática, a escola deveria ser o lugar de plena vivência democrática. A experiência do ginásio vocacional não se restringiu simplesmente à exploração de aptidões e de encaminhamento vocacional dos alunos. Vinculados ao objetivo de desenvolvimento das aptidões, foram trabalhados os de emancipação e autonomização: à medida que os alunos iam se apropriando dos conteúdos, “construíam os conhecimentos necessários para a compreensão da realidade, para intervir nos movimentos sociais da comunidade mais próxima ou universal. Era o desenvolvimento das condições fundamentais para o autêntico exercício da cidadania.” (p.61)

A experiência do ginásio vocacional coincide com o ponto de vista de Bernard Charlot, quando o educador francês defende a implantação de políticas consistentes que promovam a reorganização das relações na escola. Pois era exatamente isso que os ginásios vocacionais propunham ao abrirem as escolas, incorporando hábitos e valores da comunidade, num processo dialético de transformação. Ali, os educadores tinham certeza de que cidadania não se desenvolve por meio de preleção, mas pelo testemunho, pelo exemplo, pela vivência e, principalmente, pelas atitudes políticas diante dos direitos e deveres. O ginásio vocacional realizava concretamente uma proposta educacional que hoje é apregoada por muitos teóricos da educação. Professores, pais e

alunos encontravam-se comprometidos com a escola na busca de soluções para os problemas que se apresentavam.

O tempo passou e os problemas da evasão escolar, da repetência, da exclusão social, da violência e tantos outros continuam. Nesse emaranhado de problemas, os professores se sentem inseguros, acuados e impotentes. Cria-se o círculo vicioso da culpa pelo fracasso escolar. Nestes tempos de crise, a lembrança do ginásio vocacional traz de volta a esperança perdida. Se um dia pôde existir uma escola pública de qualidade, isso significa que não é impossível tê-la novamente, bastando, para isso, que exerçamos os nossos direitos de cidadãos.